

Índios só libertam turistas com demarcação

Raoni exige também que Governo federal reforce a fiscalização no território indígena na Terra do Baú

Jalton de Carvalho
e Débora Ribeiro

• BRASÍLIA e SÃO PAULO. Os índios caiapó decidiram que só vão soltar os 15 turistas pescadores que invadiram uma área da Terra do Baú, parte da reserva Xingu no Pará, depois que a Fundação Nacional do Índio (Funai) fixar uma data para o início da demarcação da reserva de 1,8 milhão de hectares. Os turistas estão detidos na aldeia caiapó próxima a cidade de Altamira e, segundo um funcionário da Funai, se as reivindicações dos índios não forem atendidas, eles correm risco de vida.

A Polícia Federal foi acionada para tentar resgatar os empresários. O presidente da Funai, Glênio Alvarez, que retornou de uma viagem à Alemanha, até o início da noite de ontem ainda estava sem informações sobre o episódio. Segundo um de seus assessores, Glênio estava tendo dificuldades de receber informações sobre o conflito por causa de problemas no sistema de rádio, responsável pelas comunicações entre a aldeia dos caiapós e o posto da Funai na cidade de Colider. Dos 15 invasores, dez são empresários de Avaré, no interior de São Pau-

lo, e cinco são da cidade de Novo Progresso, no Mato Grosso.

Eles estavam pescando por esporte no Rio Curuá quando foram detidos pelos caiapós, na sexta-feira passada. Os empresários disseram desconhecer que se tratava de uma área indígena mas as desculpas não foram aceitas pelos índios. Depois da prisão, os índios decidiram que só libertarão os empresários se a Funai estabelecer uma data para o início da demarcação da área. O Governo já editou uma portaria assegurando que trata-se de uma reserva indígena, mas não promoveu a demarcação do território, como manda a lei.

A prisão dos pescadores foi comandada pelo cacique Raoni — um dos mais conhecidos líderes indígenas do país, que ficou famoso quando o músico Sting esteve no Brasil e liderou uma campanha pela proteção das comunidades indígenas. Em abril passado, quando o país comemorava os 500 anos do Descobrimento, Raoni esteve em Paris e foi recebido pelo presidente Jacques Chirac. Além da demarcação, Raoni exige que o Governo reforce a fiscalização do território indígena, rico em ouro e madeira.



RAONI COM CHIRAC, em Paris, em abril passado: líder indígena

Na quinta-feira da semana passada, ocorreu outra invasão de turistas numa área caiapó no Rio Xingu, próximo à cidade de Vila Rica no Mato Grosso. Os reféns foram libertados pelos índios, mas até o início da noite de ontem a Funai alegava não ter detalhes sobre o assunto. O "Jornal Nacional", da Rede Globo, mostrou ontem imagens desta libertação.

Aflitos com a falta de notícias, os parentes dos pescadores tomados como reféns pe-

los índios caiapós, no Pará, reclamaram ontem da falta de atenção do Governo com as famílias. Em Avaré, no interior de São Paulo, onde moram dez dos 16 turistas, o clima é de comoção e ansiedade pelo fim do seqüestro. Segundo os parentes, parte do grupo já esteve antes na região e esteve acampado na mesma fazenda. Os pescadores viajam quase todos os anos juntos. Dessa vez, saíram no dia 20 de julho, em três caminhonetes, e deveriam retornar para Avaré na

manhã de hoje. O grupo reúne Frederico Landi Filho, seus filhos Luiz Alberto Landi e André Luiz Landi, além do sobrinho Wilson Roberto Landi (todos são mecânicos e trabalhavam juntos numa oficina). Também estão entre os reféns os irmãos Armando e Orlando Donini (agricultores). Completam o grupo o comerciante Luiz Carlos da Silva, o cozinheiro Wilmar Barbosa Campos, o técnico Luiz Fernando Ribeiro e o vendedor Emerson Antônio Martins.

Emocionada, a dona de casa Joselina Landi, esposa de Frederico (que tem 79 anos), chorou ao falar sobre a preocupação da família com o destino dos reféns.

— Estou muito preocupada. Meu marido é diabético e não deve estar tomando os remédios. Ele já tinha ido para lá antes e nunca aconteceu nada. Não sabemos a quem apelar e só posso pedir por meio de vocês que as autoridades não abandonem os reféns à própria sorte. O Frederico é muito querido na cidade e está todo mundo comovido com o nosso sofrimento — disse.

A aposentada Vilma Maria Martins, mãe do vendedor Emerson, de 27 anos, e sogra de André Luiz, de 28 anos, dis-

se que teme pela integridade dos reféns. As únicas notícias até agora chegaram por um conhecido da família que mora no Pará.

— Esse primo nos contou que os índios pegaram todo o mantimento, remédios, roupas, tudo. Estão sendo obrigados a comer a comida própria da tribo. A gente tem medo porque não sabe o que pode acontecer e nem tem idéia do que se passa pela cabeça dos índios. Isso pode acabar logo, mas também pode demorar dias. Não está sendo fácil e só posso dizer que agora está na mão de Deus — afirmou.

A mulher de André Luiz, Karin Helena Martins Landi, disse que os pescadores tinham autorização do Ibama para estar na área. Nervosa, ela reclamou do descaso com que as famílias estão sendo tratadas.

— As notícias que temos chegam por um primo e pela imprensa. Ninguém nos ligou para dizer nada, para explicar o que os índios querem e se os reféns correm risco. Nunca imaginei que um dia passaria por isso — assinalou.

Segundo ela, o primo identificado como Edson relatou às famílias que os índios caiapós estavam armados quando dominaram o grupo. ■